

Afirmação e negação

Passeio em Port-Royal

A gramática é a arte de falar. Falar é explicar os pensamentos por meio de signos. Os signos mais cômodos para expressar os pensamentos são os sons e as vozes, mas como os sons se esvaem, inventamos signos duráveis que são os caracteres de escrita.

Em nosso espírito, há três operações: conceber, julgar e raciocinar.

Conceber é lançar um simples olhar para as coisas, podendo-se olhar de um modo abstrato, como se olha o ser, o tempo, deus, ou de um modo mais tangível, como se olha o círculo, o quadrado, o cavalo.

Julgar é afirmar que tal coisa, essa coisa que olhamos, tem tal atributo, é dizer, por exemplo, “a mulher é castrada”, e um juízo como tal, se chama de proposição, porque é uma declaração.

E, finalmente, raciocinar, é servir-se de dois julgamentos para obter um terceiro, por exemplo: “toda virtude é louvável, a paciência é uma virtude, o raciocínio me leva a deduzir que a paciência é louvável”.

Podemos notar numa proposição tal como “a terra é redonda”, dois termos: o sujeito, “a terra”, e o atributo “redonda”; mais um termo de ligação entre eles.

Julgar é função deste termo de ligação, do predicado. Julgar é a ação do espírito que afirma o atributo ao sujeito, e o verbo é a palavra de ligação cuja principal função é significar a afirmação, daí que seu modo principal seja o indicativo.

O verbo tem essa função: afirmar. Sabemos que existem outros modos do verbo, onde ele ordena, como no imperativo, onde ele deseja, como no subjuntivo, mas, essencialmente, o verbo é o modo indicativo.

Die Verneinung

Esse passeio em Port-Royal¹ é para tratar de um léxico de Freud, *Die Verneinung*², a denegação, para tratar do tema, “afirmação e negação”.

Lacan comenta que, apesar de curtíssimo, esse texto de Freud tem valor formativo. Propõe que entendamos a negação como um julgamento que nega, o que Hyppolite chamou de um desjulgamento.

Todavia a definição freudiana da *Verneinung*, que Lacan propõe traduzir por denegação e não por negativa, é a de uma suspensão (*Aufhebung*) do recalque. Esse é um léxico hegeliano, que quer dizer simultaneamente suprimir e conservar. A denegação é uma suspensão do recalque porém, sem admissão do recalçado.

Hyppolite diz isso de uma maneira muito precisa: um modo de apresentar o que se é, mas como não ser, por exemplo, “vou lhe dizer o que sou mas, preste atenção, o que vou lhe dizer é precisamente o que não sou”.

Os exemplos de Freud também são muito precisos: “você vai pensar que tenho a intenção de ser insolente consigo, mas não tenho essa intenção”; “essa personagem do meu sonho, não é a minha mãe”.

Lacan diz que há dois modos de se fazer essa suspensão do recalçado, um é a denegação e o outro, que conhecemos como o sintoma, é a simbolização. No caso do sintoma, o recalçado permanece inconsciente e é revelado de modo incógnito, de modo enigmático; no caso da denegação, o recalçado se apresenta consciente, mas é negado, não é aceito pelo sujeito.

Então, ao examinar um problema técnico - a forma de se fazer uma suspensão do recalçado na análise, a denegação, surge, para Freud, a necessidade de falar da gênese do julgamento, de como começamos a julgar, de qual foi a primeira vez que julgamos, de como foi o primeiro julgamento.

Para dar conta da gênese dos juízos, é preciso, em primeiro lugar, compreender o que quer dizer gênese, começo, primeiro, primário. Por exemplo, há no léxico psicanalítico termos como recalque primário, narcisismo primário que precisaríamos entender o que significa. Tanto Lacan quanto Hyppolite mostram bem, que a intenção de Freud, nesse texto, como toda vez que recorre aos adjetivos, primário, primordial, originário, é para se referir a algo da ordem de um antecedente lógico, cujo exemplo mais trivial, tomado de um

¹ Arnault e Lancelot. Gramática de Port-Royal.

² Seria realmente recomendável ler o texto de Freud “A denegação”; o comentário de Jean Hyppolite sobre a *Verneinung* de Freud; “a Introdução e a resposta a este comentário” feitos por Lacan, publicados tanto nos “Escritos” quanto no “Seminário 1” e, finalmente, as aulas de 15 de fevereiro - “Passe: se reconhecer entre s(av)oir”, e de 10 de maio de 1977 - “O impossível de apreender”, do “Seminário 24” - *L'insu que sait de l'une-bénue s'aile à mourre*, onde Lacan volta ao léxico negação.

livro de lógica mais elementar, seria: - o antecedente lógico da proposição “o gato mia”, é, “o gato está vivo”; é condição para o gato miar que ele esteja vivo.

Então, primário, significa sempre, em Freud, mítico, histórico, tal como quando contamos uma estória: “era uma vez”... Não há nada de primário, que possa ser empírico, experimentado, observado; o primário não é tangível. Conhecemos o recalque secundário, conhecemos o narcisismo secundário, e dado que existe o narcisismo secundário, dado que existe o recalque secundário, se pode supor seu antecedente, se pode dizer que existiu uma primeira vez.

Quando Freud fala do recalque originário, diz que é uma força de atração: você sonha, é verdade que algum acontecimento do dia despertou o seu sonho, mas isso não é suficiente para fazer um desejo inconsciente se realizar no sonho, é preciso que haja um recalco originário funcionando como força de atração, como força de gravidade, atraindo o resto diurno para a elaboração onírica. Este é o exemplo que Freud dá, do que é a função do recalco originário. Portanto, a *Urverdrängung*, não é nada senão um conceito para explicar a força de gravidade do inconsciente.

Enfim, o texto que pretendia dar conta de um problema da técnica analítica, passou a ter essa grandeza, de pesquisar como foi a primeira vez, o primeiro julgamento. Isso é muito importante, porque responde, de algum modo, algumas questões inquietantes, como por exemplo, como é que se decide a escolha de uma neurose ou de uma psicose em função desse primeiro julgamento mítico, histórico, primário.

Para fazer esse raciocínio de como se deu o primeiro julgamento, Freud faz alguns binários que Hyppolite denomina de binário formal das forças primárias. De acordo com esse binário, tem que haver um primeiro sim, uma *Bejahung*, uma afirmação primordial, e um primeiro não, uma *Verneinung*, uma denegação; um primeiro dizer que sim e um primeiro dizer que não.

Se eu raciocinasse, diz Freud, em termos de impulso oral, diria que dizer que sim é igual a comer e dizer que não é igual a cuspir. O termo em alemão para os dois movimentos primários do juízo é *Einbeziehung*, introduzir no sujeito, e *Austossung*, expulsar para fora do sujeito. Pode-se dizer, é o que Freud diz, que nasce daí a idéia de interior e de exterior, a idéia de introjeção e de projeção.

Freud raciocina também com outro binário: a afirmação é o feito de Eros, é a substituição da unificação; a negação é o feito de Tânatos, é a sucessão da expulsão.

Hyppolite faz questão de sublinhar, que Freud aqui não emprega o termo substituição, ele diz que Tânetos é a sucessão da denegação, que ele chama de *Austossung*, expulsão. É assim que se constrói a idéia de atração e repulsão, de bom e mau.

Freud faz, em seguida, um binário formal do julgamento: dizer ou desdizer certa propriedade, certo atributo de um sujeito é fazer um juízo de atribuição; declarar ou contestar que uma coisa existe, isto é, perceber ou representar, é fazer um juízo da existência.

Freud raciocina desse modo paradoxal: no começo, nada era estranho, é assim que funciona o simbólico; foi preciso uma *Austossung*, uma expulsão para fora do sujeito, para que uma coisa aparecesse como estranha.

Essa é uma tese fundamental de Freud: sem a expulsão não se pode conceber a introjeção; no começo é indiferente saber se há ou não há um objeto, no começo há. Isto corresponde à definição do real: o real é sem conteúdo. Ao dizer “isto existe” se reencontra um objeto primeiro, é sua idéia de que o encontro é um reencontro, de que no começo há o objeto mítico, e quando se pode fazer o julgamento de que algo existe, já não é a primeira vez, porque a necessidade de “a primeira vez” na teoria, é a de poder falar de algo que não é da ordem da experiência, que não é da ordem empírica; toda vez que se diz há tal objeto, que existe algo, se trata de reencontro, de repetição.

Freud não aceita a idéia de que tivemos um contato primário com o objeto e de que guardamos uma memória desse contato. Nosso espírito não estava em condições de julgar esse primeiro contato, e julgar é ter a memória disso.

Logo, a primeira vez é puramente mítica; inventamos a primeira vez para explicar o fato de que quando “isso existe”, quando fazemos o primeiro juízo, já tratamos o objeto como se fosse um reencontro.

O primeiro julgamento só é possível por meio da criação do signo da negação. Freud não diz que o primeiro julgamento só é possível por meio da criação do símbolo da afirmação, não põe como condição que tenha sido afirmada a existência do objeto e que tenha sido afirmado um atributo do objeto.

Enfim, originariamente o texto é técnico, mas ganha essa dimensão filosófica. A lógica formal declara que só se pode dizer não a partir de uma proposição positiva, a partir de uma afirmação, que não se pode negar o que não existe, que só se pode negar o que existe, que ($\sim p$) não pode existir sem (p) - suposição lógica do que é primário - mas nosso equívoco é pensar que (p) deve existir no nível empírico. No nível do primeiro julgamento

(p) é mítico e portanto, (\sim p) supõe que existe (p), mas essa suposição da existência de (p) não é necessariamente fatural, é primária no sentido de mítica.

Lacan retorna ao comentário da *Verneinung*³, para dizer que é possível enunciar o que é a negação de duas formas: o real, esse (p) mítico que coloquei como condição para que exista a negação, tal como ele aparece, diz a verdade, mas não fala, e é preciso falar para dizer seja o que for; o simbólico, suportado pelo significante, só diz mentira quando fala, e ele fala muito.

Trata-se de uma atualização de seu enunciado da negação: o simbólico se exprime pela negação que é a mentira querida como tal para fazer passar uma verdade; não posso fazer passar a verdade como verdade, então nego: digo o que sou dizendo exatamente o que não sou. É isso o que significa a suspensão do recalçamento com a conservação do recalçado.

A negação do homem dos lobos

Sabe-se que o “homem dos lobos” teve uma alucinação que deixa o caso controverso. Lacan refere aí a primeira vez que o léxico expulsão, *Austossung* aparece, em oposição ao léxico afirmação, *Bejahung*. Só que o léxico expulsão aparece sob outro termo, *Verwerfung*. Isso indica que essa negação, essa primeira não-afirmação, era uma espécie de abolição simbólica - o homem dos lobos não queria saber nada da castração, mas num sentido distinto do recalque; ele foracluiu a castração e permaneceu no *status quo* do coito anal; não se pode dizer que efetuou nenhum juízo sobre a existência, ao contrário, funcionou como se nunca houvesse existido; é isso a foraclusão. Não é possível fazer um juízo da existência e, portanto, funciona como se nunca houvesse existido; o recalque não é isso; é fazer um juízo da existência e suprimir, esquecer.

Antes de escrever o artigo “A denegação”, aparece no caso do “Homem dos lobos”, esse conceito de *Austossung*, de um tipo de operação diferente do recalque, por meio da qual se trata de expulsar algo, de fazer funcionar como se nunca houvesse existido. Há, por assim dizer, dois tipos de expulsão, uma que deixa traços, que funciona como se houvesse existido, que se pode recuperar, e que se chama de recalçamento, e uma que funciona como se nunca houvesse existido, que funciona como uma abolição simbólica, como um julgamento que rejeita e escolhe, que é diferente do recalque, da *Verdrängung*, que

³ No L'insu..., ver nota 2

se denomina de forclusão, de *Verwerfung*, e que foi referida por Freud, pela primeira vez, no caso do homem dos lobos, a propósito da alucinação do dedo cortado.

Ele ganhara um canivete de seu tio, enquanto sua irmãzinha ganhara um livro; ele brincava no jardim com sua babá, de tirar lasquinhas da casca da noqueira, árvore que aparece em seu sonho e, de súbito, ele tem a ilusão de que o canivete cortara o seu dedo mínimo, que restara preso apenas por uma pele; durante um instante, ele não pôde olhar para seu dedo, e não pode falar para sua babá; ele entra numa condição de absoluta estranheza, de absoluta perplexidade; depois, vem a si e verifica que nada acontecera a seu dedo.

Lacan diz que isso é uma forclusão e que uma forclusão, *Verwerfung*, se opõe a uma afirmação primária, *Bejahung*, diz que uma forclusão é um dos tempos da *Verneinung*, que é o que é expulso. Diz ainda, que o homem dos lobos ficou impossibilitado de falar desse episódio, que ele ficou, naquele momento, paralisado e que isso que se passou com o homem dos lobos é diferente do esquecimento do caso Signorelli.

Essa paralisação, esse não poder pensar no assunto, implica em que o sujeito pára diante da estranheza do significado, enquanto que no esquecimento do nome próprio Signorelli, o sujeito não pode dispor do significante. Essa estranheza do significado não é uma experiência espacial, mas temporal, como se o sujeito, nesse segundo, fosse lá no túnel do tempo e voltasse sem poder dizer nada, nem mesmo olhar o dedo.

Então, uma experiência está no nível da estranheza, da perplexidade do significado, a outra, a do esquecimento do nome próprio, está na dimensão da não disposição do significante. Por assim dizer, uma experiência está no nível do real e a outra está no nível do simbólico, uma tem como condição a *Verwerfung*, a outra, a *Verdrängung*.

Melhor que dizer que o texto “A denegação” é feito para se concluir como se constitui o primeiro sim e como se constitui o primeiro não, seria dizer que esse texto estrutura duas saídas para o sujeito, duas saídas estruturais para o falasem. Se ele teve, digamos, a sorte (*tiquê*) de ter feito a primeira afirmação, ele tem uma saída, se teve a infelicidade (*tiquê*) de ter feito a primeira não-afirmação, tem outra saída. Podemos dizer que estas saídas estruturais são as soluções do sujeito neurótico, pode lhe faltar um significante, ele pode não dispor de um significante, como no caso Signorelli, mas o significante está lá, ele pode, por meio de derivações, Botticelli, Boltraffio, Traffoi, achar o significante que falta, e isto é o que se chama constituir-se no nível simbólico. Para outros sujeitos, para os quais não se efetuou essa afirmação primordial, a *Bejahung*, dito de outro modo, para os quais se efetuou uma forclusão, a *Verwerfung*, temos a solução assim

denominada da psicose. Portanto, há uma negação, um não, que é oposto a *Bejahung*, que é a *Verneinung*, a denegação, em um nível, mas há um outro tempo dessa *Verneinung*, que é a *Verwerfung*, que é uma negativa, um não mais primordial, que dá início à função do julgamento e, se o sujeito é vítima dessa abolição simbólica, dessa *Ausstossung*, então, estaria marcado irreversivelmente pelo que chamamos de disposição à psicose.

Há, no artigo, esse alcance que Lacan destaca: “a *Verwerfung*, corta pela raiz qualquer manifestação da ordem simbólica”⁴, isto é, da *Bejahung*; a afirmação é, portanto, a primeira manifestação da ordem simbólica. Quem fez a afirmação primordial, constituiu a ordem simbólica; é esse o caminho da formação do sintoma neurótico; quem não fez a afirmação primordial, não constituiu a ordem simbólica, fica no real, e tudo que lhe diga respeito deve retornar no real; é esse o caminho da formação do sintoma psicótico.

Isso me leva a dizer, talvez, coisas um pouco radicais do ponto de vista teórico, tais como, não há mundo interno para o psicótico, não há subjetividade na psicose, não há interior na psicose, porque o interior deveria ser constituído a partir dessa simbolização, dessa afirmação primordial que não aconteceu, e é por isso que os alucinados nos falam de mensagens que estão sempre vindo de fora.

Schreber diz isso de uma forma marcante: estudei o Kraepelin, é verdade que existe o sujeito alucinado, mas não é o meu caso, comigo o que se passou é realmente uma interferência dos raios divinos. Enfim, o sujeito não quer saber nada, ou não pode saber nada do que não foi afirmado, no sentido do recalque. O efeito clínico disso, da forclusão, é a alucinação.

Tal como dizemos que a fobia é uma manifestação clínica do recalque, podemos também afirmar que a alucinação é uma manifestação clínica da forclusão; o que foi abolido do simbólico retorna no real; é a devastação da forclusão.

Dizemos que aparecem os efeitos, a manifestação clínica da forclusão. Essa expressão manifestação clínica, tem muita importância. A alucinação é uma manifestação clínica da psicose desencadeada; quando a psicose não está desencadeada, denominamos os efeitos da forclusão de pré-psicose, que são fenômenos elementares de toda ordem. Há várias formas de dizer isso, mas a que me parece mais conseqüente é dizer que o sujeito viveu sempre em uma situação de perplexidade.

Os nosógrafos chegaram a descrever uma tipologia para identificar o aparecimento desses fenômenos elementares antes mesmo do desencadeamento de uma psicose; é o que

⁴ (Escritos, 391-2)

se chama, por exemplo, de esquizotimia, de esquizoidia; a posteriori, quando a psicose se desencadeia, se pode verificar que o sujeito sempre foi esquisito, bizarro.

Clérambault classificou os fenômenos elementares da psicose; alguns dizem respeito ao corpo, por exemplo, alguém pode descrever que seus vasos sanguíneos se dilatam e aparecem pulsando como se a pele estivesse transparente; isso é um fenômeno elementar corporal; alguém pode ter uma experiência alucinatória, um automatismo mental segundo o léxico de Clérambault; no léxico dos psicopatólogos alemães, se denomina de vivência delirante primária, o fato de alguém receber uma visita de um orixá e levitar, isto é, ver seu tórax descolar-se da cama, sem a ajuda das mãos, e interpretar como sendo a presença de Oxóssi. Não se trata ainda, de um delírio sistematizado, de uma psicose declarada, mas há a possibilidade de uma psicose se desencadear a partir dessa vivência. Clérambault listou diversos exemplos de ecos do pensamento, de roubos do pensamento, de fenômenos telepáticos, de comandos, etc., que podem acontecer apenas uma vez na vida de um sujeito e que são indicadores da forclusão.

Mas, há ainda uma dimensão mais complexa que é a distinção entre ser habitado pela linguagem e estar inscrito em um discurso previamente estabelecido. Lacan afirma que “é justamente isso que explica a insistência do esquizofrênico em repetir, reiterar esse passo, em vão, já que para ele todo o simbólico é real”⁵. Quer dizer que não há, nesse sentido, para o esquizofrênico, de modo algum, simbólico.

Estamos examinando um material de 1954, do “Seminário 1”, porque queria falar da afirmação e da negação, e quis buscar o comentário de Lacan e de Hyppolite sobre “A denegação”, de Freud. Mas, depois ele retoma essas questões no “Seminário das Psicoses”, e na “Questão Preliminar sobre o tratamento da psicose”, e enuncia com mais consistência, inclusive, o nome desse significante que foi expulso, o significante do Nome-do-Pai. O termo forclusão vai ser elaborado com todo rigor na “Questão Preliminar” e no “Seminário das Psicoses”; lá, vamos encontrar o exemplo da alucinação verbal “porca”, assim como a análise rigorosa do caso Schreber. No “Seminário 5 – As formações do inconsciente”, ele aplica essa *Verwerfung* à Mulher, isto é, ele introduz a forclusão do significante do gozo do Outro sexo; é aliás, a primeira vez que aparece o léxico *Verwerfung* d’ \mathbb{A} Mulher, forclusão da identificação subjetiva da mulher, aquela que se produz em $[S(\mathbb{A})]$.

Tudo isso nos leva a concluir que os falaseres podem ser classificados em dois grupos: os que fizeram a *Bejahung*, a afirmação primordial, e os que fizeram a *Verwerfung*, a

⁵ (Escritos, 394)

não-afirmação primária. A oposição, portanto, que nos interessa não é entre *Bejahung* e *Verneinung* mas entre a *Bejahung*, a afirmação, e um dos tempos da *Verneinung* que é a *Verwerfung*, a expulsão, que Freud, no texto “A denegação”, chama de *Austossung*.

Assim, temos como justificar a estrutura neurótica e a estrutura psicótica. Mas, falta a estrutura perversa, e vou dedicar uma aula especialmente ao desmentido, para demonstrar isso que posso adiantar, que seria preciso que Pierce tivesse resolvido o problema do terceiro excluído.

Na lógica bivalente, há o verdadeiro e o falso, não há lugar para um terceiro termo. A lógica que acabamos de trabalhar é bivalente, há sim ou há não, não há uma terceira alternativa. Por isso digo que Pierce deveria ter inventado, o que ele não conseguiu, a lógica ternária, para que pudéssemos incluir a perversão entre as estruturas clínicas, as estruturas do sintoma. Nossa hipótese é que a perversão não é uma estrutura clínica, que não há como defender, do ponto de vista lógico, a estrutura da perversão, coisa que explicitarei melhor quando fizer a aula sobre o desmentido.

A *Verleugnung* atua em outro nível, as estruturas do sintoma não estão todas no mesmo nível. No nível mais elementar está a *Verwerfung*; a *Verdrängung* atua em outro nível; a *Verleugnung* também atua em outro nível, não no nível da *Verwerfung*. Nossa suposição é que é preciso conceber duas estruturas clínicas, a da neurose e a da psicose, com base no argumento lógico que se deduz do texto da denegação.

Enfim, dentre os modos de gozo que se pode usufruir nestas duas estruturas, neurose e psicose, podemos escrever um gozo perverso. Por exemplo, a homossexualidade na psicose é uma experiência de transexualismo, de transformação do corpo, de preparação do corpo para vir-a-ser mulher, para ser fecundado para uma obra divina, é um empuxo-à-mulher. Schreber era estéril, aos 53 anos acorda, um dia, com essa idéia primária do delírio “seria belo ser uma mulher no ato da cópula”, de onde se deduz que ele está diante da questão do não-pênis da mulher, do gozo d’A Mulher. No caso do homoerotismo do sujeito neurótico, se aplicaria o conceito de desmentido, que deve ser entendido, como um desmentido acerca da castração, um não querer saber acerca da castração feminina.

No caso Dora se diria, fantasia de sedução, no caso Hans, complexo de castração, no homem dos lobos, cena primária; são as três fantasias originárias. Elas não estão no nível tão originário como o que estamos discutindo aqui, já é certo sucedâneo. A fantasia é uma significação, uma resposta. Estamos, por enquanto, considerando a constituição do furo, da falta e vamos responder a isso com o recalque, a forclusão ou o desmentido.

Recalque, foracclusão do Nome-do-Pai, desmentido, devemos colocar estas operações no nível propriamente dito secundário. Tratei do que se coloca no nível primário, uma foracclusão generalizada, uma afirmação primordial; vou tratar, em seguida, do que se coloca no nível secundário, o recalque, a resposta neurótica a essa afirmação, a foracclusão do Nome-do-Pai, a resposta psicótica a essa falta de afirmação, a essa expulsão, e a resposta perversa que é também uma resposta à afirmação.

Há a foracclusão para todos, a foracclusão do significante d' \mathbb{A} Mulher. Acho conveniente distinguir a foracclusão d' \mathbb{A} Mulher da foracclusão do Nome-do-Pai. É claro que podemos dizer que \mathbb{A} Mulher é um dos Nomes-do-Pai, se consideramos o Nome-do-Pai no plural; podemos dizer o objeto (a) é um dos Nomes-do-Pai. Mas, isso não invalida que se diga, por outro lado, sem alterar os fundamentos da teoria, o que é importante, sem contestar o axioma, podemos tratar no singular, a foracclusão do Nome-do-Pai como uma foracclusão específica que decide a psicose, como uma impossibilidade de dar uma significação fálica, e a fantasia é isso, é dar uma significação fálica. Podemos dizer que a impossibilidade de dar essa significação é a *Austossung*, a *Verwerfung* primordial, a foracclusão generalizada ou, então podemos dizer que é a foracclusão do Nome-do-Pai e conservaríamos a foracclusão d' \mathbb{A} Mulher, como a própria foracclusão generalizada. Foi a forma que Lacan encontrou de reunir a linguagem e a sexualidade. Ele diz que falta um significante ao Outro [$S(\mathbb{A})$] e esse significante que falta é o significante que pode nomear o gozo d' \mathbb{A} Mulher. Dessa maneira, reúne significante, linguagem e sexualidade, gozo. Quando falamos de *Bejahung*, *Verwerfung* generalizada, estamos no nível de [$S(\mathbb{A})$], quando falamos de *Verdrängung*, de *Verwerfung* restrita, estamos no nível das respostas a essa falta de significante. Desse modo quero problematizar a resposta perversa, a *Verleugung*, porque contraria a lógica bivalente.

Seria preciso considerar a foracclusão generalizada como um dos tempos da *Verneinung*, exatamente esse tempo que significa expulsão, *Austossung* e a partir disso iniciar uma discussão sobre as estruturas e as formas de sintoma, em sua relação ao tempo.